

Alguns aspectos da Reformulação Parafrástica e Não Parafrástica em José Saramago e Mia Couto

*Ana Margarida Belém Nunes,
Helena Magarida Ramos Vaz Duarte T. Mendes*
Centro de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro

Introdução

Este trabalho surge de duas pesquisas anteriores, duas dissertações de Mestrado já defendidas, uma sobre a Recorrência Proverbial nos romances de José Saramago e outra sobre a Análise Semântica e Sintáctica da Linguagem Mia Coutiana.

Foi através das leituras e análises que foram sendo feitas às obras de Mia Couto, que se verificou que também este, à semelhança de Saramago, utiliza de forma recorrente enunciados que remetem para provérbios conhecidos, utilizando-os também na sua forma fixada. Pareceu-nos ainda interessante fazer um estudo comparativo entre dois escritores actuais e consagrados, tentando analisar os aspectos em que se aproximam e/ou se afastam, concretamente no que diz respeito aos processos de apropriação e transformação dos provérbios.

Os enunciados de tom proverbial aparecem em ambos os autores de uma forma mais ou menos parodiada, mais ou menos transformada, mas permitindo sempre a identificação do provérbio. Esta identificação é possível pela preservação da estrutura frásica proverbial, como a sua autonomia sintáctica, a economia verbal e a fácil memorização; e/ou pelo reconhecimento do seu valor semântico de verdade universal que directa ou indirectamente pode expressar pensamentos, experiências, normas, advertências ou conselhos.

Trata-se, portanto, de textos autónomos cuja flexibilidade de adequação contextual é compatível com a sua rigidez formal. Esta característica, que poderá parecer contraditória, é explicada pelas características de texto híbrido que o provérbio contém. De facto, é um "texto aberto, na medida em que faculta um amplo leque de possibilidades interpretativas, consoante a situação concreta em que é realizado; fechado na medida em que transporta consigo uma interpretação – padrão estável, convencionalmente estabelecida e fixada pela tradição." (Lopes, 1992:345).

É esta sua natureza híbrida que lhe permite, mesmo mantendo o seu carácter de texto autónomo, rígido e de verdade universal, manifestar todo o seu potencial significativo, adequando-se à realidade narrada e propiciando uma revitalização a nível semântico.

Para a realização deste trabalho e para a constituição e delimitação do corpus a analisar, recolhemos as ocorrências proverbiais presentes nos dois últimos romances de cada autor: *A Caverna* (C) e *O Homem Duplicado* (HD), de José Saramago e *O Último Voo do Flamingo* (UVF) e *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra* (RCT), de Mia Couto. Curiosamente, verifica-se que os romances, de cada autor, foram publicados nos mesmos anos: 2000 e 2002. Esta escolha teve como objectivos, não só a delimitação do corpus mas também a coincidência de géneros literários. Após o levantamento de ocorrências, realizámos uma pesquisa em *O Grande livro dos Provérbios Portugueses* de José Pedro Machado e em *O Livro dos Provérbios Portugueses* de José Ricardo Marques da Costa para confirmarmos e atestarmos o estatuto de provérbio.

Devido à profusão de definições de provérbio, procurámos estabelecer uma definição possível. Tendo considerado o provérbio como um enunciado cristalizado pertencente ao património linguístico-cultural, pareceu-nos importante fazer a distinção entre este tipo de textos e outras expressões igualmente concisas e gerais que são os aforismos e as frases feitas.

Os aforismos distinguem-se dos provérbios visto que são citações ou pensamentos de um autor, contrariamente aos provérbios que têm um carácter anónimo, com a excepção feita aos bíblicos. As frases feitas são consideradas “expressões comuns aos falantes de uma língua.” (Velasco, 1996).

No entanto, distinguir os provérbios destas restantes expressões parece-nos tarefa difícil, porque pouco consensual. Na verdade, muitas expressões presentes em dicionários de expressões idiomáticas, surgem igualmente registadas nos dicionários de provérbios por nós consultados. Perante esta intersecção de critérios achámos pertinente diferenciar os dois tipos de enunciado pela ausência, nas expressões idiomáticas, de uma das principais características definidoras de provérbio, isto é, os juízos de valor ou moralizantes sempre implícitos.

Estabelecemos, seguidamente, dois subgrupos de análise. Um dos grupos era constituído pelos provérbios fixados, ou seja, aqueles cuja forma está dicionarizada, e o outro composto pelos provérbios reescritos, isto é, aqueles que sofrem transformações de carácter semântico, lexical e estrutural. Salientamos que quer no caso de provérbios fixados como no de provérbios reescritos podem ou não ocorrer mutações semânticas.

Para a operacionalidade deste estudo, utilizámos os conceitos de reformulação parafrástica e não parafrástica, segundo Corrine Rossari e Joaquim Fonseca. Consideramos a reformulação parafrástica nas suas modalidades de repetição e de equivalência, que pressupõem uma identidade semântica entre a primeira versão e a versão reformulada. Normalmente, estes dois enunciados estão ligados por conectores que sublinham essa equivalência, do tipo: *ou seja, por outras palavras*. Além disso, o enunciado criado, reformulado permite a introdução de um ponto de vista equivalente àquele para que reenvia.

Quanto ao processo de reformulação não parafrástica, incluem-se aqui os casos em que o locutor completa, expande, clarifica, corrige ou invalida o primeiro enunciado, através de conectores cuja carga sémica fixa o tipo de relação não parafrástica. Este processo implica já um certo distanciamento do locutor em relação ao segmento reformulado e, quase sempre, a adopção de uma nova perspectiva enunciativa.

Provérbios fixados

No que diz respeito aos provérbios fixados, verificamos que, nos romances em análise, é José Saramago que os utiliza de forma mais recorrente. Apresentamos seguidamente alguns exemplos extraídos das obras analisadas.¹

Nos romances de José Saramago encontramos, por exemplo: *O diabo nem sempre está atrás da porta*; *dar tempo ao tempo*; *o que tem de ser tem muita força*, provérbios que empregamos e reconhecemos perfeitamente.

Apresentamos também provérbios fixados em Mia Couto. É de salientar que aqueles que referimos são os únicos encontrados nas obras deste autor, sendo que *O cabrito come onde está amarrado* é repetido nas duas obras analisadas; o outro provérbio reconhecido na sua forma fixada é *Amor com amor se apaga*, presente em *O Último Voo do Flamingo*.

Em Mia Couto os provérbios apresentados são os que reconhecemos e que desta forma aparecem dicionarizados, uma vez que existem outros provérbios e que são devidamente assinalados como tal pelo próprio autor. No entanto, estes serão de origem Moçambicana, visto que não constam dos dicionários consultados e estão, por vezes, identificados como provérbios Africanos, por exemplo: *As ruínas de uma nação começam no lar do pequeno cidadão*, *Foi na água mais calma que o Homem se afogou*; a *Lua anda devagar mas atravessa o Mundo*. Estes provérbios aparecem seguidos sempre de uma indicação entre parêntesis de que são provérbios Africanos e, ao contrário dos outros, não aparecem inseridos no texto narrativo. A maior parte das vezes aparecem como separadores, servindo de introdução a capítulos dos romances.

No entanto, salientamos que neste estudo analisamos apenas as demarcações que existem face aos provérbios do Português Europeu.

Provérbios reescritos por substituição lexical

No que diz respeito ao processo de reformulação não parafrástica dos provérbios reescritos, verifica-se que esta reescrita é conseguida através de substituição lexical e através da expansão. Ambos os autores recorrem à modalidade de substituição lexical e parece-nos fácil identificar as alterações efectuadas, porque é igualmente fácil reconhecer o provérbio original. No entanto, nem sempre esta transformação implica uma mutação ao nível da semântica.

Nos enunciados recolhidos dos quatro romances em análise, constatámos que, dentro deste mesmo processo, a desconstrução de sentido só acontece num provérbio por autor. É o caso de *Mudam-se os tempos, desnudam-se as vontades*, (UVF) de Mia Couto. Neste exemplo, apesar de não existirem obstáculos à identificação do provérbio original, mesmo sem o contexto de ocorrência, é também evidente a alteração semântica provocada pela substituição lexical do verbo *mudar* (do enunciado original) para *desnudar* no texto reescrito. Embora se quebre, com esta alteração, o ritmo binário e anafórico do provérbio, o sentido deste novo enunciado surge enriquecido pela ideia de que a passagem do tempo não se limita a mudar as vontades mas torna-as também mais evidentes e visíveis.

¹ Por limitações de espaço não é possível incluir em anexo o corpus analisado.

Em *O Homem Duplicado*, de José Saramago, o enunciado reescrito *Quem te avisa teu inimigo é* apresenta uma substituição lexical com o antónimo do vocábulo original, o que sugere não apenas uma desconstrução de sentido mas também a ideia de negação.

Nos casos em que não existe uma mudança ao nível da semântica, detectámos apenas dois exemplos em cada autor. Nos romances de Mia Couto encontramos *A verdade tem perna comprida* (UVF), onde permanece o sentido do provérbio que conhecemos, *A mentira tem perna curta*, o mesmo se verificando em relação a – *O homem trança, o rio destrança* (RCT) que é reescrito por analogia com *O homem põe e Deus dispõe*.

Em relação a José Saramago é visível este mesmo processo em *O Centro escreve direito por linhas tortas* em que existe a substituição do sujeito *Deus*, do provérbio original, por *Centro*, que aparece escrito com maiúsculas. O outro exemplo analisado é *nunca jogues as pêras com o destino, que ele come as maduras e dá-te as verdes* em que ocorre a permuta de *amo* por *destino*, no provérbio reescrito.

Em todos estes casos pudemos aferir que, em contexto de ocorrência, permanece o sentido do enunciado reformulador.

Provérbios reescritos por invalidação

Continuando ainda dentro do processo de reformulação não parafrástica mas no que se refere aos casos de provérbios reescritos por invalidação do sentido do enunciado original, observa-se que ela se processa pela alteração da forma e tipo de frase, contribuindo assim para uma mutação semântica. Por exemplo, em *Contra factos tudo são argumentos*, (UVF), de Mia Couto e *fazer o bem olhando a quem* de José Saramago, verifica-se a transformação das frases negativas que temos como enunciado original *Contra factos não há argumentos e fazer o bem sem olhar a quem*, para frases de forma afirmativa. Nos casos concretos de *O que dele a vida foi fazer, gato sem sapato?*, (UVF) de Mia Couto e *Mas as aparências, nem sempre são tão enganadoras quanto se diz*, (HD) de José Saramago, ocorre também uma alteração da forma do enunciado, embora no sentido inverso, ou seja, da forma afirmativa que serve de base: *Fazer dele gato sapato e As aparências enganam*, para a forma negativa. No entanto, no provérbio reformulado por Mia Couto *O que dele a vida foi fazer, gato sem sapato?*, a negativização é reforçada pela alteração do tipo de frase que passa de declarativa para interrogativa, parecendo deste modo ganhar também uma maior força e densidade expressiva.

Reformulação não parafrástica

No que diz respeito à reformulação não parafrástica de provérbios fixados e reescritos com expansão, verificamos que apenas José Saramago recorre a este processo nas suas variadas possibilidades.

Uma das ocorrências *Filho és, pai serás, assim como fizeres assim acharás* (C) refere o exemplo de um provérbio fixado, assumido como tal pelo narrador, através da expressão *a antiga sentença que severamente reza*. A expansão feita contribui para a negação do sentido do provérbio:

Filho és, pai serás, assim como fizeres assim acharás. É bem certo, porém, que de uma maneira ou de outra, por uma espécie de infalível tropismo, a natureza profunda de filho impele os filhos a procurar pais de substituição sempre que, por bons ou maus motivos, por justas ou injustas razões, não possam, não queiram ou não saibam reconhecer-se nos próprios.

Repare-se ainda na força expressiva da conjunção adversativa *porém* que, funcionando como conector, alerta para a invalidação. No entanto, o mesmo tipo de conector presente no enunciado *há quem diga que todos nascemos com o destino traçado*, (C), logo seguido da conjunção adversativa *mas*, já não contribui para a invalidação:

há quem diga que todos nascemos com o destino traçado, mas o que está à vista é que só alguns vieram a este mundo para fazerem do barro adões e evas ou multiplicarem os pães e os peixes.

Funcionará como um ponte de ligação entre o provérbio e os comentários contextualizados do narrador. Um outro caso *como um azar nunca vem só e um esquecimento em geral faz lembrar outro* (C) assinala o processo de criação de um novo enunciado: *um esquecimento em geral faz lembrar outro*, não invalidando o segmento inicial.

No exemplo seguinte, *Quem Porfia Mata Caça, está visto que o que tem de ser, tem de ser, tem muita força, nunca jogues as pêras com o destino, que ele come as maduras e dá-te as verdes*, (HD) verifica-se uma associação de três provérbios semanticamente relacionados, em que parece que o seguinte vem sublinhar o sentido do anterior. A expansão realiza-se não só pelo encadeamento de provérbios, como também pelos comentários subsequentes do narrador que evidenciam a necessidade do Homem de questionar o seu destino e não de se submeter à sua força impositiva:

Quem Porfia Mata Caça, está visto que o que tem de ser, tem de ser, e tem muita força, nunca jogues as pêras com o destino, que ele come as maduras e dá-te as verdes. É o que geralmente se diz, e, porque se diz geralmente, aceitamos a sentença sem mais discussão, quando o nosso dever de gente livre seria questionar energeticamente um destino despótico

Reformulação parafrástica

Tendo analisado, até este momento, o processo de reformulação não parafrástica nas suas modalidades de substituição lexical, invalidação e expansão nos provérbios fixados e rescritos, mostramos agora alguns casos exemplificativos do processo linguístico de reformulação parafrástica.

Este processo é predominante nos dois romances de Mia Couto, ao contrário do que se passa nos de Saramago.

Das várias ocorrências assinaladas, das quais apresentamos apenas quatro exemplos, sobressai a criação de enunciados equivalentes, semântica e, por vezes, estruturalmente, ao segmento reformulador. De facto, parece-nos que

Toda a roupa recebe a alma de quem a usa. (RCT)

O capim não parece, mas dá flor. (UVF)

O bom do caminho é haver volta. Para ida sem vinda basta o tempo. (RCT)

tudo está escrito no olhar. (UVF)

constituem, respectivamente, reformulações parafrásticas de

O hábito faz o monge.

Nem tudo o que parece, é.

O tempo que vai não volta.

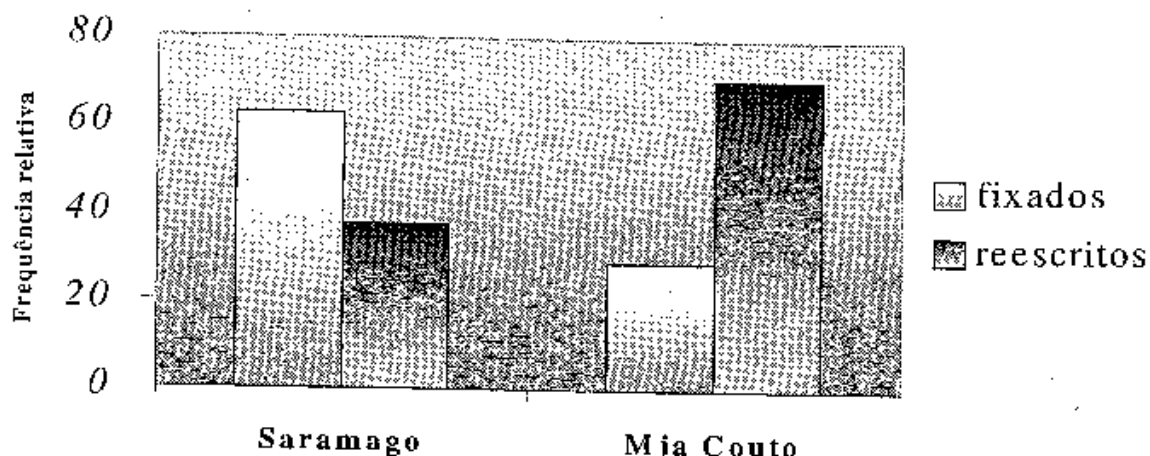
Os olhos são o espelho da alma.

sendo esta ideia corroborada pelo contexto de ocorrência.

Consideramos que a apresentação destes enunciados fora do contexto em que estão inseridos poderá suscitar dúvidas quanto à sua relação parafrástica com o provérbio original que apresentamos. De facto, por exemplo, o enunciado *tudo está escrito no olhar* não remete directamente para o provérbio *Os olhos são o espelho da alma*. Porém, se tivermos em conta o seu contexto de ocorrência. *O senhor tem olhos de jejum. Me desculpe, o que eu mais vejo é pelos olhos. Vida miudinha, grandezas e infinitos: tudo está escrito no olhar* facilmente se demonstra a relação apresentada.

Conclusões

Constatamos que, de um total de 170 ocorrências analisadas, são mais recorrentes os provérbios utilizados na sua forma fixada em Saramago, passando-se precisamente o contrário em Mia Couto:



Através de uma análise mais detalhada, verificamos que nestes romances de José Saramago as ocorrências de provérbios fixados, que são 77, atingem os 62,6% e nos de Mia Couto, as 14 ocorrências registadas correspondem a 29,2%.

Quanto aos reescritos, que apresentam maior vitalidade em Mia Couto, são 34 as ocorrências que obedecem a este tipo de reformulação, correspondendo a 70,8%. Em Saramago, as 45 ocorrências dizem respeito a uma percentagem de 37,4.

Queremos salientar que este estudo deve ser visto apenas como uma amostragem do que se verifica nestes quatro romances. Podemos afirmar, com base em estudos por nós já realizados, que nos outros romances de José Saramago há uma maior predominância de provérbios reescritos, aproximando-se assim de Mia Couto, cujos romances e contos apresentam uma maior ocorrência de provérbios reescritos.

Podemos, portanto, concluir com esta análise de quatro romances, que tanto José Saramago como Mia Couto se apropriam de textos tradicionais, orais, revitalizando-os a nível semântico, através dos vários tipos de transformação que operam nestes textos.

Concluimos que, nas obras analisadas, o processo mais utilizado por José Saramago é a reformulação não parafrástica por expansão com preservação do sentido e em Mia Couto predomina a reformulação parafrástica.

Em muitas ocorrências, quer na forma fixada quer na forma reescrita, enunciadas pelo narrador ou por personagens, verifica-se uma utilização consciente destes textos, através de inúmeras expressões do tipo

Como é sabido que

É bem verdade que

Confirma-se o ditado

Este ditado veio muito a propósito

Estas expressões ratificam o estatuto de autoridade e verdade geral do provérbio, ficando absolutamente explícito o recurso ao património linguístico popular.

Observamos que José Saramago e Mia Couto transformam formas rígidas, integradas no vasto repositório do património da língua, destinadas, por isso, a serem reproduzidas e não criadas, em actos de fala, permeáveis, portanto, a toda a liberdade criativa. De facto, assiste-se a um trabalho constante de recriação de provérbios conhecidos, em que o leitor acaba por estar inevitavelmente envolvido, tanto na descodificação dos textos parodiados, como na identificação de enunciados proverbiais novos.

Em ambos prevalece o sentido, pelo uso dos provérbios, da palavra escrita que vai buscar à oralidade a sua inspiração. Assumem-se como verdadeiros contadores de histórias e cremos que, com base nesta ideia, os escritores recriam e transformam os provérbios, ou seja, tornam-se criadores em relação à língua, explorando as suas diferentes versatilidades e funcionalidades. Ao mesmo tempo, respeitam a tradição e saberes e fazem perpassar a essência de um povo. É uma forma de, através da oralidade/escrita, dar a conhecer uma língua e uma cultura.

Referências

- Cavacas, Fernanda (2000) *Mia Couto: Pensatempos e Improvérbios*. mar além e Instituto Camões.
- Couto, Mia (2000) *O Último Voo do Flamingo*. Editorial Caminho.

- Costa, José Ricardo Marques da (1999) *O Livro dos Provérbios Portugueses*. Lisboa: Editorial Presença.
- Couto, Mia (2002) *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*. Editorial Caminho.
- Compagnon, Antoine (1979) *La Seconde Main ou le travail de la citation*. Paris: Seuil.
- Fonseca, Joaquim (1991) As articulações discurso-metadiscurso e a sua exploração na didáctica do Português como Língua Estrangeira. In *Actas do Seminário Internacional "Português Língua Estrangeira"*. Macau, pp. 161-176.
- Lopes, Ana Cristina Macário (1992) *Texto Proverbial Português: Elementos para uma Análise Semântica e Pragmática*. Tese de Doutoramento policopiada, Universidade de Coimbra.
- Machado, José Pedro (1998) *O Grande Livro dos Provérbios*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Mendes, Helena Margarida R. V. Duarte Tavares (2000) *Estudo da Recorrência Proverbial de Levantado do Chão a Todos os Nomes de José Saramago*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Nunes, Ana Margarida Belém (2003) *A Linguagem Mia Coutiana de Mar me Quer a Na Berma de Nenhuma Estrada: uma análise da Morfologia e Semântica*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro.
- Rossari, Corinne (1994) Les opérations de reformulation, Analyse du processus et des marques dans une perspective contrastive français-italien. In *Sciences pour la communication*, 40, Peter Lang. Ed. Scientifiques européennes, Berne.
- Saramago, José (2000) *A Caverna*. Editorial Caminho.
- Saramago, José (2002) *O Homem Duplicado*. Editorial Caminho.